



HISTÓRIA E ESSÊNCIA DE UM OFÍCIO TRADICIONAL: OLARIAS, OLEIROS E FORMAS ARTESANAIS

HISTORY AND ESSENCE OF A TRADITIONAL OCCUPATION: POTTERIES, POTTERS AND HANDCRAFTED FORMS

HISTORIA Y ESENCIA DE UN OFICIO TRADICIONAL: ALFARERÍAS, ALFAREROS Y FORMAS ARTESANALES

Lorena Barbosa Gama

Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás - UEG - Campus Quirinópolis
E-mail: lorena_bg@live.com

Jean Carlos Vieira Santos

Professor do Mestrado Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER)
da Universidade Estadual de Goiás - UEG - Campus Caldas Novas
E-mail: svcjean@yahoo.com.br

Mariana Savietto Pagotti

Bolsista de Iniciação Científica - PIBIC - Universidade Estadual de Goiás - UEG -
Campus Caldas Novas
E-mail: marisavietto@hotmail.com

RESUMO:

O presente artigo propõe uma reflexão sobre o saber e fazer de comunidades oleiras, com vistas a compreender as formas artesanais como parte de um comportamento sociocultural, econômico e organizacional, que utilizam os lugares de extração de argila como espaço produtivo e de vida. Quanto aos aspectos metodológicos, a investigação foi dividida em duas fases – pesquisa documental (levantamento das referências) e trabalho de campo – e, por meio deste último, construiu-se o material fotográfico, foram obtidos os relatos dos pesquisados e se aplicaram questionários com dez sujeitos oleiros do município de Gouvelândia, Goiás, Brasil. Conforme os principais resultados, 100% dos trabalhadores oleiros são do sexo masculino, 61% sequer finalizaram o ensino fundamental, 50% possuem entre 18 e 33 anos, 50% trabalham entre seis e dez anos com o tradicional ofício e, para 100% desses indivíduos, as olarias fazem parte da história e tradição do referido município.

Palavras-chave: Pequena Vila; Ofício Tradicional; Artesanato; Cerrado; Tijolos.

ABSTRACT:

This article proposes a reflection on the knowledge and practice of pottery communities, in order to understand the handcrafted forms as part of a sociocultural, economic and organizational behavior, that use the places of clay extraction as productive and life space. Concerning the methodological aspects, the research was divided into two phases – documentary research (references survey) and fieldwork – and, through the last one, the photographic material was constructed, the reports of the respondents were obtained and questionnaires were applied to ten subjects from the municipality of Gouvelândia, Goiás, Brazil. According to the main results, 100% of the pottery workers are male, 61% have not even finished basic education, 50% are between 18 and 33 years old, 50% work between six and ten years with the traditional occupation and, to 100% of these individuals, the potteries are part of the history and tradition of the referred municipality.

Keywords: Small Village; Traditional Occupation; Handicraft; Cerrado; Bricks.

RESUMEN:

Este artículo propone una reflexión sobre el conocimiento y la práctica de las comunidades alfareras, para entender las formas artesanales como parte de un comportamiento sociocultural, económico y organizacional, que utilizan los lugares de extracción de arcilla como espacios productivos y de vida. En cuanto a los aspectos metodológicos, la investigación se dividió en dos fases – investigación documental (encuesta de referencias) y trabajo de campo – y, a través de esta última, se construyó el material fotográfico, se obtuvieron los informes de los encuestados y se aplicaron cuestionarios a diez sujetos del municipio de Gouvelândia, Goiás, Brasil. Según los principales resultados, el 100% de los alfareros son hombres, el 61% ni siquiera han terminado la educación básica, el 50% tienen entre 18 y 33 años, el 50% trabajan entre seis y diez años con la ocupación tradicional y para 100 % de estos individuos, las alfarerías son parte de la historia y tradición del referido municipio.

Palabras clave: Aldea Pequeña; Ocupación Tradicional; Artesanía; Cerrado; Ladrillos.

1 INTRODUÇÃO

“É no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões, com uma história particular que se realiza em função de uma cultura, tradição, língua e hábitos que lhes são próprios” (CARLOS, 1996, p. 20), construídos ao longo do tempo. Concomitantemente a essa citação, salienta-se que os saberes e fazeres encontrados nos lugares de vida dos povos tradicionais oleiros possuem valores identitários e podem ser catalogados como importantes recursos à pesquisa geográfica.

No entanto, grande parte das investigações sobre os povos tradicionais oleiros se centra na Sociologia e História, deixando lacunas acerca dessas discussões na Geografia. Nesse sentido, o presente artigo¹ propõe uma reflexão sobre o saber e fazer de comunidades oleiras, com vistas a compreender as formas artesanais como parte de um comportamento sociocultural, econômico e organizacional, que utilizam os lugares de extração de argila como espaço produtivo e da vida. Historicamente, esses sujeitos sempre procuraram habitar o entorno de lagoas e rios, área com argilas responsáveis pelo fornecimento de matéria-prima que é transformada em tijolos, telhas e utensílios artesanais.

Segundo Guerra (1978, p. 37), essas argilas podem ser classificadas como refratárias, isto é, que não manifestam “[...] fusão quando sujeita a temperaturas elevadas, sendo, empregada [*sic*] na fabricação de tijolos para revestimento de fornos e em objetos de cerâmicas”. Tais materiais, passíveis de modelagem manual, são comumente utilizados nos trabalhos artesanais desenvolvidos em diversas comunidades e cidades pelo interior do Brasil.

Quanto aos aspectos metodológicos, a investigação foi dividida em duas fases – pesquisa documental (levantamento das referências) e trabalho de campo – e, por meio deste último,

¹ Trabalho desenvolvido a partir do projeto de pesquisa “Cerrado da microrregião de Quirinópolis, uma terra de oleiros: história, tradição, memória e arte popular”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Goiás (FAPEG).

construiu-se o material fotográfico, foram obtidos os relatos dos pesquisados e se aplicaram questionários com dez sujeitos oleiros do município de Gouvelândia, Goiás, Brasil. O critério de escolha diz respeito à entrevista de indivíduos envolvidos diretamente com as olarias ainda existentes; portanto, os questionários foram aplicados e respondidos no local de trabalho. Pode-se afirmar que as entrevistas não se pautaram:

[...] em uma perspectiva de representatividade percentual. O critério para determinar o encerramento das entrevistas deu-se a partir do momento em que se percebeu a existência de um entrecruzamento de representações entrelaçando as diversas categorias de entrevistados, assim como a constituição de acervo suficiente para fundamentar uma interpretação (JESUS; NABOZNY, 2017, p. 10).

As entrevistas foram transcritas e analisadas a partir da identificação de trechos de falas que se tornaram significativos em relação às observações realizadas durante os trabalhos de campo. Em consonância ao aspecto empírico, houve a necessidade de realizar um debate teórico sobre a olaria e o que é ser um sujeito oleiro, ou seja, pretendeu-se analisar um perfil de trabalhador goiano que, com sua criatividade popular, ainda mantém um ofício tradicional.

2 OLARIAS E OLEIROS: DISCUSSÕES TEÓRICAS NOS ENTREMEIOS DA GEOGRAFIA

Antes de abordar as partes conceituais de olarias e oleiros, abordam-se algumas definições de povos tradicionais, pois os sujeitos aqui investigados também serão sublinhados como tradicionais nas concepções da pesquisa geográfica. Por essa via, visa-se compreender essas populações como sujeitos sociais trabalhadores e produtores artesanais que historicamente vivem próximos a áreas úmidas, que implementam estruturas produtivas, práticas socioculturais e um mosaico paisagístico diferente das ações cristalizadas no espaço pelo agronegócio – tal realidade é encontrada no município de Gouvelândia/GO, recorte espacial deste trabalho.

Vale ressaltar um breve entendimento dos conceitos “comunidade”, “povos tradicionais” e “tradição”, com o intuito de perceber enredos permeados pela complexa reflexão teórica. De acordo com Coriolano *et al.* (2009), no mundo antigo se destacavam formações de pequenos grupos sociais que viviam estreitos laços de dependência e amizade, chamados de comunidades. Era a vida aí existente que contribuía para o sujeito encontrar respostas necessárias aos problemas individuais e coletivos, como a ajuda do grupo.



Nesse contexto, Pereira (2005) salienta que a comunidade é um lugar de estratégias de mobilização, solidariedade social e sociabilidade própria no espaço que a delimita, mas esta se extravasa por meio de uma sociedade local interativa e presente, cujas representações se materializam nas diversas expressões do lugar. Por conseguinte, as identidades devem ser pensadas em relação à estrutura social do grupo de pertença, isto é:

[...] as identidades sociais podem definir-se, pois através de materialidades e subjetividades enquanto compostos ideológicos, cognitivos e afetivos observáveis a partir da adesão diferenciada a conjuntos de práticas e a configurações de valores, normas e papéis tomados por unitários, mas sendo certo que como objeto complexo e multifacetado, é passível de ser abordado de vários pontos de vista e nomeadamente na sua relação como espaço garantia universal da particularidade das identidades (PEREIRA, 2005, p. 13).

Entende-se assim que “comunidade” vem da palavra “comum” e significa que a terra e os recursos existentes nos lugares podem ser usufruídos por todos, de acordo com as necessidades de cada indivíduo. No conviver dos povos tradicionais oleiros, a argila atende às necessidades de todos, porém é um recurso caracterizado pelo modelo de apropriação comercial desse bem natural, o que proporcionou historicamente uma forma de vida aglomerada no entorno de áreas úmidas, com modos de produção artesanais e pequena industrialização, em que as relações de trabalho se tornaram mercadorias.

Essa forma de expressão e relação é definida como a vida em sociedade que elege outros valores, pois se guia por princípios capitalistas e não é pautada nos interesses de igualdade. Certamente, as populações tradicionais oleiras deste século XXI não conservam mais as características na forma original, mas guardam traços e resíduos de um “estilo de vida” familiar e social com grandes contributos para a pesquisa geográfica, proporcionando a compreensão de um saber e fazer de base comunitária, com suas tradições históricas, artísticas e produtivas (CORIOLANO *et al.*, 2009).

O presente trabalho compreende “comunidade” como um:

[...] grupo social residente em um pequeno espaço geográfico, cuja integração de pessoas entre si e dessas com o lugar cria identidade muito forte que tantos os habitantes como o lugar são identificados como comunidades. [...]. As pessoas tornam-se membros da comunidade não apenas porque nela vivem, mas porque participam da vida comum do lugar, integrando conjunto de elementos que podem ser materiais, históricos, institucionais, psicológicos, afetivos e que fazem a vida comunitária (CORIOLANO *et al.*, 2009, p. 45).

De fato, o entendimento conceitual de povos tradicionais pode se respaldar em Menestrino e Parente (2011, p. 4) que reconhecem as sociedades indígenas como um dos núcleos mais importantes, mas ainda existem outros como os remanescentes de comunidades quilombolas, de “[...] babaqueiros, caiçaras, jangadeiros, pantaneiros, pescadores artesanais, ribeirinhos, seringueiros entre outros e cada um deles apresenta formas próprias de se relacionar como seus respectivos ambientes geográficos”. Estas populações tradicionais possuem:

[...] particularidades e especificidades que se constituem em modos de vida diferentes e que, por isso mesmo, precisam ser respeitados, se considerarmos a sociodiversidade presente no território brasileiro. Suas técnicas (e eles possuem muitas) de cultivos, moradias, crenças, remédios naturais, por exemplo, são aprendidas e repassadas através de gerações, demonstrando uma integração com os ciclos naturais e vivendo da utilização destes em benefício próprio sem com isso comprometer o meio ambiente (MENESTRINO; PARENTE, 2011, p. 17).

Nessas condições é possível compreender a tradição que, de acordo com Bordest (2005), é uma particularidade em que impera um tipo de lógica, de organização social e de modo de vida, e, ao valorizar a tradição, mantêm-se acontecimentos que marcaram épocas e que subsistem à modernidade. Com base na exposição teórica realizada, definem-se as populações ou comunidades tradicionais oleiras localizadas nos municípios do interior de Goiás, especialmente na região geográfica imediata, Quirinópolis, como povos que têm suas raízes, tradições e expressões de um modo de vida traduzido nas relações de trabalho, nas proximidades de moradias com as olarias e áreas úmidas.

Pla (2006, p. 59) defende que nessas comunidades tradicionais não se podem ignorar os aspectos econômicos, principalmente no que tange a:

La subsistencia de la obrera entregada a estos quehaceres, que son todo su recurso, es de consideración primordial. De los valores históricos y sociales, y por ende espirituales: el de la conservación de la autenticidad de expresiones que como la cerámica, son multiseccularmente representativas de un espíritu diferenciado.

No âmbito teórico de olaria e oleiro, Zanon (2004) assevera que, em alguns estados brasileiros, existe uma diferenciação entre olaria (produção totalmente artesanal) e cerâmica (estabelecimento cuja produção é mecanizada). Na França, os tijolos artesanais produzidos nas olarias são chamados de “[...] tijolos do campo, para diferenciá-los dos fabricados nas cerâmicas” (KOPTE, 1979, p. 75).



Por sua vez, na obra de Silva *et al.* (2009, p. 10) é destacada a percepção do espaço, da paisagem e do lugar das olarias que, para os autores, mostram uma realidade de vida que parece não se encaixar no modo de vida urbano e rural atual; por isso, os oleiros são definidos como:

[...] pessoas que possuem uma história, um passado e que contribuem de forma intensa para a transformação do meio em que estão inseridos. Seja na forma de produção ou através das relações que estabelecem com outras sociedades como também as relações que estabelecem com a paisagem local.

Segundo Kopte (1979) e Santos (2010), o oleiro arrenda terrenos para instalar a olaria, pagando determinada porcentagem sobre a produção aos proprietários da terra. Eles moram em casas bem modestas, às vezes com um cômodo somente, no qual cozinham e dormem, ou seja, as habitações e os utensílios domésticos do lugar são construídos com técnicas bem antigas. Esses patrimônios são compostos por casas com o pé direito baixo e paredes de tijolos produzidos no lugar, alguns barreados com a argila das lagoas.

Nesse diálogo, Borges (2006, p. 88) reconhece a olaria como uma pequena vila, pois algumas moradias ficam próximas às pipas, para abrigar as famílias dos oleiros. Em tais paisagens, as casas têm basicamente o mesmo padrão – construídas com tijolos feitos pelas próprias olarias, assentados com o uso de barro. Em cada olaria é possível encontrar de cinco a dez casinhas localizadas próximas umas das outras e, geralmente, o oleiro traz toda a família para morar com ele.

Para Zanon (2004), o oleiro não é uma pessoa desenraizada. Ele tem bases num passado vivo, em seu modo de vida, na busca da autodeterminação e no trabalho familiar, e pode ser definido como o proprietário dos meios de produção, ou seja, do amassador, do cavalo, da carroça, das pás, dos barracões e dos fornos:

[...] não ocorrendo a dissolução das relações em que o homem mostra-se proprietário dos meios de produção. Porém isto não lhe dá nenhum tipo de autonomia em relação aos movimentos do mercado capitalista que vão determinar se estes meios têm mais ou menos valor para o fim que se destinam: produzir mercadorias com valor de uso ou de troca dependendo do caso (ZANON, 2004, p. 92).

Nesse entremeio, Coloda (2010, p. 3) diz que “[...] a profissão de oleiro é uma arte que consiste ao homem transformar o barro informe em tijolos, telhas ou cerâmicas”. A Câmara Municipal de Loulé (2008, p. 7), em Portugal, define o ofício e a tradição oleira como “[...] lides diárias no trabalho com o barro, produzindo objetos de uso doméstico, comercial e de utilidades na construção civil”, pois o oleiro molda a argila com a mão.

Conforme Machado (2007, p. 1-2), a arte do barro é uma atividade milenar existente há mais de três mil anos a. C. No Brasil, é uma prática muito representativa para a cultura popular, pois foi uma herança deixada pelos índios – as mulheres, por exemplo, faziam brinquedos de barro para os filhos e objetos domésticos como gamelas, tigelas e potes, modelando-os de acordo com sua criatividade ou necessidade e os pintando com tintas fortes e coloridas, inspiradas na natureza.

Para Pla (2006, p. 5), “[...] de todas las formas que la ansiedad del ser humano frente la existencia y la necesidad pueda adoptar, creemos que la que lleva a la expresión del impacto del barro obedeciendo al dictado de sus dedos, es hallazgo más antiguo”. Nos entremeios teóricos da Geografia, as olarias são definidas como uma “indústria” antiga, com transformações profundas que imprimiram à paisagem traços marcantes e atestam sua importância. É possível verificar os processos evolutivos pelos quais teriam elas passado (CAMPOS, 1955) e, para Borges (2006), cada pipa² é considerada uma olaria.

Constata-se que nos territórios oleiros a vida social e o ritmo de vida definido pela produção artesanal de tijolos se especializaram. São lugares de passagem, principalmente para trabalhadores contratados; porém, para os donos dessas áreas, não é um simples local de inconstância, pois a atividade ali desenvolvida pode durar mais de uma década (SANTOS; SANTOS, 2011). Nesse sentido, o residir familiar temporário não descaracteriza o sentimento de pertencimento ao lugar, mas a essência de um modo de vida materializado em ofícios e tradições que proporcionam identidade e valores socioculturais únicos.

Santos (2010) postula que as áreas produtoras de tijolos estão fixadas nos espaços rurais onde há a transmissão de informações dos mais velhos para os mais jovens ou sem experiência – os mais experientes expõem os seus saberes e conhecimentos, integrando os outros à cultura local. Nos terreiros das olarias e nas habitações simples se organizam as relações sociais para atender às necessidades básicas de sobrevivência das famílias que transformavam barro em materiais de construção, aspectos fundamentais para suprir o consumo e a manutenção da vida no lugar.

Hoje, pode-se afirmar que a olaria é um símbolo vivo da região do Vale do Paranaíba, um “[...] território que é um mosaico de encontros e reencontros entre as culturas mineira e goiana no cerrado brasileiro” (SANTANA; SANTOS, 2016, p. 669). Por isso, este artigo apresentará a seguir alguns fragmentos da história oleira do município de Gouvelândia/GO, explicitando um modo de vida que se fixa no espaço urbano dessa pequena cidade, com técnicas e relações de trabalhos contemporâneos.

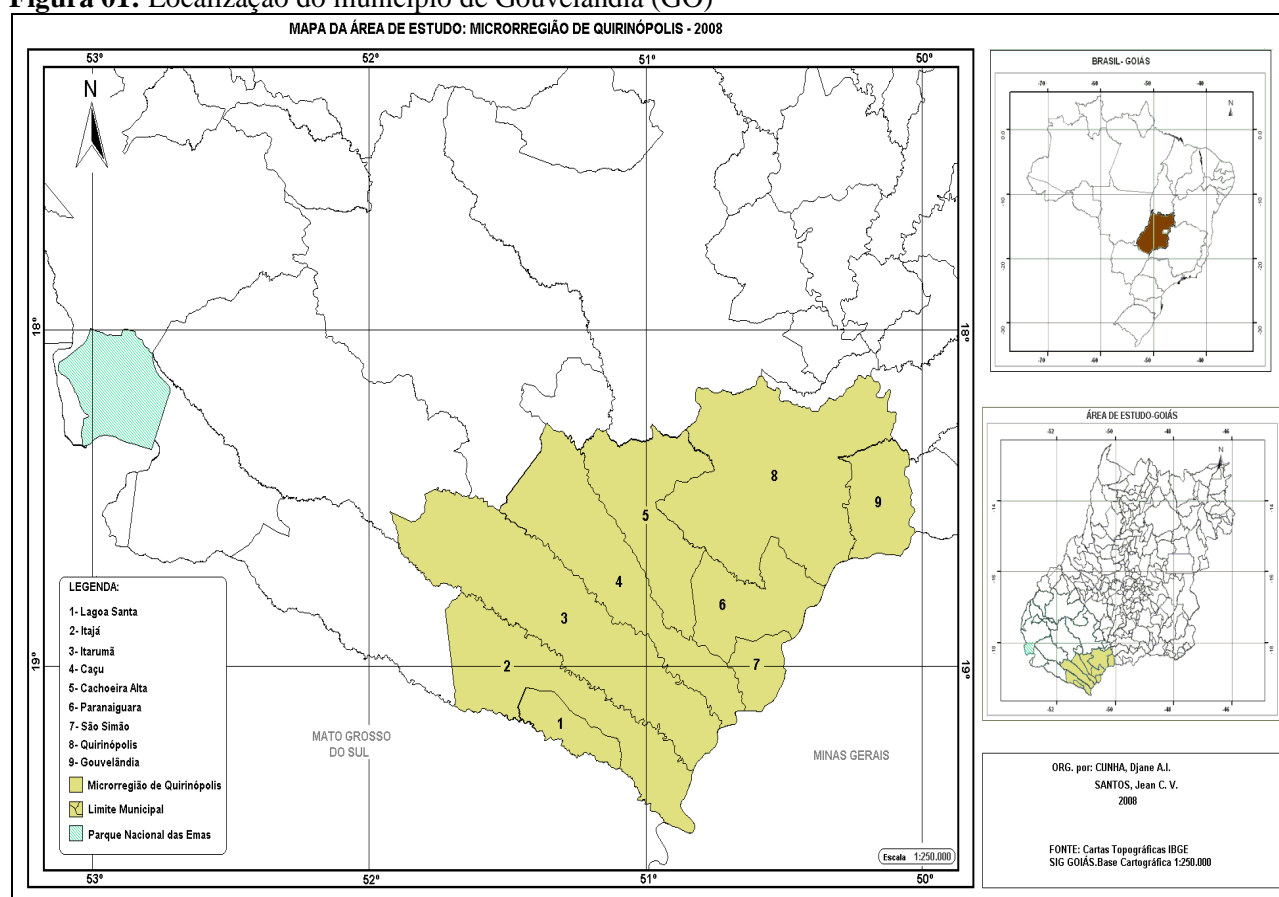
² “Pipa é onde amassa o barro para fazer o tijolo. Parece um engenho, só que ela tem umas facas dentro” (BORGES, 2006, p. 87). A pipa tradicional normalmente é puxada por um burro para moer o barro colocado pelo oleiro na caixa e depois levada ao terreiro para colocar nas formas e sair os tijolos (Pesquisa informal de campo com M. V. dos S. e G. R. de M. S., 2015).



3 HISTÓRIA OLEIRA DE GOUVELÂNDIA/GO: ALGUNS FATOS MARCANTES

Gouvelândia está localizada na região geográfica de Quirinópolis, no estado de Goiás, entre as coordenadas geográficas 19°04'11" sul e 51°06'11" oeste (Figura 01); possui área de 831 km² e altitude média de 395 metros (SANTANA; SANTOS, 2016). Sua área urbana foi reconstruída, na década de 1970, com a edificação do reservatório da Hidrelétrica de São Simão no rio Paranaíba e, em 1º de junho de 1989, o município foi emancipado de Quirinópolis.

Figura 01: Localização do município de Gouvelândia (GO)



Fonte: SANTOS, J. C. V. Políticas de regionalização e criação de destinos turísticos entre o Lago de São Simão e a Lagoa Santa no Baixo Paranaíba Goiano. 2010.

Não se sabe ao certo quando os oleiros chegaram à região geográfica imediata quirinopolina, mas a primeira informação que se tem na literatura regional é de que, em 1926, foi instalada uma olaria na área onde é a cidade de Quirinópolis/MG, quando se descobriu às margens do córrego Cruzeiro um “barro” próprio para a fabricação de tijolos. Nos territórios das antigas olarias, além da

produção de telhas e tijolos, passaram a ser produzidos utensílios domésticos, como vasos e potes, para armazenar água, objetos ainda encontrados nas residências do interior goiano.

Historicamente, os oleiros chegaram ao município de Gouvelândia/GO ainda quando o povoado era distrito de Quirinópolis, e este se localizava às margens do rio Paranaíba. Um oleiro entrevistado durante os trabalhos de campo confirma essa informação:

Antigamente, há vários anos, quando Gouvelândia ainda se localizava na beira do Rio Paranaíba, as olarias já estava [sic] em atividade. Fui um dos primeiros donos de olaria do município, quando vim do interior de Minas Gerais [...] aos 8 anos de idade. Nós mudou [sic] para a antiga Gouvelândia, ou Gouvelândia velha, pra trabalhar em uma olaria do município. O meu trabalho era lanceando, onde eu fazia o transporte dos bloco [sic] de argila não cozidos e os dispõe [sic] para secagem do sol. Mexia [sic] com animal, era um serviço em que eu comandava o animal (burro, mula, cavalos) e outros serviço no qual dava conta de fazer [sic] (Entrevistado 01, 73 anos, residente em Gouvelândia/GO. Trabalho de campo, 2015-2017).

Nas palavras do entrevistado, as primeiras olarias foram construídas na fazenda do Sr. Totonho Barbosa. Ele explica que antigamente havia muitas olarias, e esse era um dos recursos socioeconômicos que mais gerava empregos para moradores da região, pois não se exigia estudo. Como naquela época o estudo não era tão relevante como nos tempos atuais, grande parte dos trabalhadores só desenvolvia o ofício oleiro para manter suas famílias.

Ao passar dos anos, as olarias diminuíram e os trabalhadores foram para outros serviços nos setores pecuário, agrícola e outros, como motorista de caminhão. Em Gouvelândia, as localidades de Caracol, Lagoa Bonita (Figura 02), Piti e Olaria Vieira/Fazenda da Lídia (zona rural do município) ficaram famosas pela enorme quantidade de olarias que ali existiam, ao passo que em 2018 (ano de publicação deste artigo), é possível afirmar que já não existem olarias nesses lugares. Conforme o inquirido:

Eu tinha uma olaria nessa região, havia poucos trabalhador [sic], quatro homens, porém produzia muito, cerca de 4 a 5 mil tijolo [sic] por dia. Tinha a “pipa”, um instrumento utilizado para preparar a argila através de um animal que ficava rodando a pipa. Os tijolo ficava [sic] em coluna para secar os tijolos úmidos. Naquela época era tudo manual, e era muito difícil, pois não se tinha energia, o que dificultava a vida dos trabalhador [sic]. Atualmente com energia, maquinários e outros meios, a fabricação de tijolo ficou melhor, facilitando a mão de obra dos trabalhador [sic], mas também com pontos negativos, tais como a fiscalização, que não deixa nós [sic] trabalhar (Entrevistado 01, 73 anos, residente em Gouvelândia/GO. Trabalho de campo, 2015-2017).



Figura 02: Habitação Tradicional localizada na região da Olaria Lagoa Bonita

Fonte: Autores (2015)

Segundo um antigo oleiro gouvelandense, praticamente toda a sua vida foi em olarias: dos 73 anos de idade completados em 2015, faz apenas 20 anos que deixou de trabalhar nos terreiros oleiros. Foi uma longa dedicação a esse tradicional ofício, sendo muito grato ao que a olaria lhe proporcionou:

[...] muitas de [*sic*] minhas conquistas vieram do suor de seus trabalhos nas olarias. Praticamente vivi toda a minha infância em olaria, e adolescência também, e então se casei e fui morar em olaria. Tive sete filhos, cinco deles nasceram em domicílio oleiro. Trabalhei muito tempo na região do Caracol e nas outras lagoa [*sic*], fazendo tijolo todo dia [...]. (Entrevistado 01, 73 anos, residente em Gouvelândia/GO. Trabalho de campo, 2015-2017).

Diante dos problemas encontrados durante esses anos de trabalho em olarias da região, o entrevistado explica que não queria que seus filhos seguissem o mesmo caminho, por não ter tido oportunidade de estudar. Ele lembra que, além de ser um dos primeiros oleiros do município de Gouvelândia, teve outras profissões: “[...] já fui botequeiro (dono de bar), motorista e já até plantei lavoura de algodão, mas hoje em dia eu tô [*sic*] aqui descansando em Gouvelândia” (Entrevistado

01, 73 anos, residente em Gouvelândia/GO. Trabalho de campo, 2015-2017). O mestre oleiro ainda destaca os trabalhos dos filhos nas olarias:

[...] dois dos meus filho foi [sic] contra a minha vontade e começou [sic] a trabalhar em olaria, mas não teve [sic] a mesma sorte que eu. Depois de alguns ano [sic] trabalhando, houve denúncia anônima, e os fiscal chegou [sic] aqui fechando as olaria [sic]. Quem denunciou disse que tinha irregularidade em toda as olaria [sic] da região e município. Aí a fiscalização fechou todas as olaria [sic], as que continua [sic] trabalhando está [sic] funcionando de forma ilegal. Essas irregularidade [sic] é devido aos direito dos trabalhador [sic] (INSS, carteira assinada, salário formal, férias, FGTS, horas extras e outros direitos), equipamento de trabalho adequado. Os oleiro foi denunciado [sic] até de exploração infantil, pois em todas as olarias havia menores de idade trabalhando [sic], mas isso sempre aconteceu, tinha que trabalhar desde novo, não era exploração, tinha que ajudar nossos pais. Essas famílias que trabalhava [sic] dependiam daquilo ali para sobreviver; então, muitos dos [sic] pais colocavam seus filhos para trabalhar, fazendo um serviço mais maneiro, como riscando tijolos. Talvez para alguns, pela falta de estudo e simplicidade, não sabia [sic] a gravidade da consequência, mas [isso] gerou graves complicação [sic] para todos os oleiro [sic], trabalhadores, e donos, resultando no fechamento de muitas olaria [sic]. Atualmente, uma ou duas olaria continua sua atividade [sic] irregularmente (Entrevistado 01, 73 anos, residente em Gouvelândia/GO. Trabalho de campo, 2015-2017).

Na região do Caracol havia cerca de 25 olarias funcionando e entre os anos de 1970 e 1990 o município tinha uma forte comercialização de tijolos para outros locais e também para a cidade de origem. Grande parte das famílias dependia das olarias; então, muitas delas tinham por tradição viver da atividade oleira, o que colocou Gouvelândia/GO como uma referência regional, comercializando principalmente para cidades goianas e mineiras.

No município é possível encontrar olarias em pleno funcionamento. Durante os trabalhos de campo foram localizadas algumas em produção na zona rural, com apenas homens adultos desenvolvendo ofício, geralmente grupos familiares, mas todos preocupados com a fiscalização. Segundo eles, os fiscais fizeram com que muitos profissionais da região desistissem de trabalhar nesse ofício, pois o custo para regularizar a tradicional atividade é muito alto, o que inviabiliza o funcionamento.

Nos terreiros dessas olarias ainda existentes, formando uma paisagem de tradição, foi possível ver, durante os trabalhos de campo, tijolos secando no chão após serem “riscados”, o espaço vazio onde o caminhão estaciona para o transporte, as pilhas de tijolos já prontos para serem vendidos e a fornalha de queima, denominada “caieira”. A pipa compõe o lugar, e seu funcionamento depende de um animal (cavalo, burro, mula), para que faça movimentos de rotação e a argila seja preparada para virar tijolos.



As olarias fazem parte da tradição de Gouvelândia/GO, pois, muito antes da emancipação política, já existiam em diferentes territórios. Para muitas famílias, o fechamento das olarias pela fiscalização foi uma imensa perda, posto que faziam parte do modo de vida de seus residentes (muitos sempre dedicaram a esse ofício). Nos terreiros das olarias ficam as mesas, também chamadas de bancas, em que os tijolos são colocados em forma de madeira – para os oleiros, esse momento é chamado de “processo de corte”. Esses lugares de produção ficam próximos às lagoas, nas quais a massa de argila é retirada para produzir tijolos.

Muitos moradores de Gouvelândia/GO que ficaram desempregados devido ao fechamento de algumas olarias foram trabalhar em fazendas e nas usinas de açúcar e álcool. Os oleiros se sentem perseguidos pelos órgãos públicos, pois entendem que nem todas as empresas cumprem as leis trabalhistas; nem por isso, suas atividades são encerradas. Para eles, é uma relação de poder, e não apenas de direitos adquiridos.

Alguns chegam a questionar: “Se algum dia a usina chegar a fechar, com as olarias fechadas, a população vai procurar emprego onde?”. Um deles respondeu: “Na zona rural não há serviço para todos, no perímetro urbano também; as olarias já fazem parte da história de Gouvelândia. O certo a fazer é regularizar todas as olarias e retornar as atividades, com um incentivo municipal” (Depoimento 01, oleiro, 47 anos, residente em Gouvelândia/GO. Trabalho de campo, 2016).

Atualmente, uma olaria encontra-se em funcionamento no espaço urbano de Gouvelândia/GO, ocupando a antiga estrutura de uma cerâmica. Numa visita a essa empresa durante os trabalhos de campo, verificou-se um processo moderno de fabricação de tijolos com o uso de maquinários. Ao dialogar com os atuais trabalhadores dessa olaria urbana, notou-se que, apesar de o serviço ser totalmente irregular e em situação precária, muitos gostam do que fazem, principalmente pelo fato de alguns deles se originarem de famílias com tradição na produção artesanal de tijolos.

Nessa olaria contemporânea são mantidas algumas características tradicionais, a exemplo do processo de queima do produto – a argila é trazida por caminhões das áreas úmidas existentes na zona rural do município. Pode-se afirmar que atualmente os oleiros residentes na parte urbana de Gouvelândia/GO têm dado continuidade a esse ofício tradicional na região e no lugar, mas com traços de modernidade, incorporando ao trabalho novas tecnologias como a maromba, máquina que substituiu a pipa.

Essa atividade fora do espaço rural gera renda e emprego aos moradores do lugar, mesmo sendo um trabalho informal. Nesses termos, pode-se dizer que este artigo é um “[...] trabalho de Geografia que apresenta, a partir do conceito de memória, um território que sofreu mudanças

significativas de valores sociais, culturais, ambientais e econômicos ao longo do tempo” (ARAÚJO; PEREIRA; SANTOS, 2017, p. 29). Diante de tal realidade, a seguir serão elencados os sujeitos trabalhadores dessa olaria urbana.

4 PERFIL SOCIAL E ECONÔMICO DOS SUJEITOS OLEIROS DE GOUVELÂNDIA

Durante os trabalhos de campo realizados de 2015 a 2017, foram aplicados questionários com dez sujeitos oleiros que exercem suas funções diretamente nas olarias do município de Gouvelândia/GO, sobretudo os funcionários da área da antiga Cerâmica Calu. Observou-se que em 2018 há apenas homens trabalhando com a fabricação de tijolos, especialmente na olaria existente no local. A figura feminina, que até os anos 2000 estava presente nesses espaços, hoje não existe, configurando um território de trabalho 100% masculino.

Alguns entrevistados justificaram as denúncias de trabalho escravo que ocorreram nos últimos anos como um fator responsável pelo desaparecimento dos afazeres femininos. Até a primeira década do século XXI, as mulheres ajudavam os maridos na fabricação de tijolos, pois residiam na zona rural de Gouvelândia/GO, no entorno das olarias. No que tange à formação escolar, o resultado obtido em campo mostra que 39% dos sujeitos não concluíram o Ensino Médio e outros 61% sequer finalizaram o Ensino Fundamental.

O resultado obtido foi surpreendente pelo fato de a formação escolar não ser um fator relevante – quando os oleiros foram contratados para trabalhar nas olarias de Gouvelândia/GO, a experiência no ofício fez com que eles começassem na área, e não a formação escolar. Segundo eles, os principais problemas que dificultam os estudos são o horário de trabalho e a falta de disposição ocasionada pelo serviço pesado. Os mais velhos não pensam em voltar para a escola, mas, pelos depoimentos informais colhidos em campo, os mais jovens também não se mostraram interessados em fazer isso, visto que não traria nenhum benefício para a função que exercem.

Grande parte desses trabalhadores é do município e da região, onde muitos deles nasceram e chegaram à fase adulta residindo em olarias (100% dos entrevistados nasceram no município de Gouvelândia). Durante os trabalhos de campo, muitos oleiros, principalmente os mais velhos, disseram não desejar que os filhos sigam seus exemplos, pelo fato de o serviço não ser lucrativo e valorizado; por conseguinte, querem um futuro melhor para eles, com outro tipo de trabalho e oportunidades de estudo.

Em relação à faixa etária dos trabalhadores, mais uma nova descoberta para a pesquisa, pois, no processo inicial da investigação, se imaginava que somente pessoas idosas ou com mais de 50



anos exerciam a função de oleiro: contrariamente, 50% dos possuem de 18 a 33 anos, 30% estão entre 34 e 49 anos e, por fim, há 20% com idade entre 50 e 65 anos. Ademais, 50% deles afirmaram que são casados, mas nem todos se referiram ao casamento civil e religioso, e sim ao fato de estarem “amasiados” ou em união estável. Outros 50% são solteiros e ainda moram com os pais, familiares ou mesmo sozinhos.

Durante as entrevistas de campo, tencionou-se conhecer a formação profissional dos oleiros (como aprenderam a trabalhar na função). Nesse caso, o aprendizado ocorre em conformidade a um processo “hereditário”, pois aprenderam com familiares. Algumas famílias, por serem muito carentes, colocavam todos os membros para fazer algum serviço durante a fabricação de tijolos, e isso passou de pai para filho com o decorrer dos anos. A maior parte dos respondentes (50%) trabalha de seis a dez anos com o referido ofício; 20%, entre 16 e 20 anos; e 30%, há mais de 21 anos.

De acordo com os sujeitos entrevistados, não existe apoio político ou econômico para os oleiros e as olarias de Gouvelândia/GO, e sim carência sobre essa questão, dado que não são valorizados. A realidade atual não mostra uma organização entre eles, pois 100% dos entrevistados não pensam em criar uma associação dos oleiros no município. Talvez essa realidade verificada *in loco* ocorra em virtude dos baixos índices de formação escolar. Em depoimento, foi dito por um entrevistado:

[...] tenho até receio de fazer uma associação com medo de prejudicar algo ou alguém e, depois disso, retornar pra mim futuramente. O serviço não tá [*sic*] bom, mas ninguém corre atrás para melhorar, pois tem medo de perder o trabalho e arrumar problema com alguém superior a nós [*sic*] (Depoimento 02, oleiro, 34 anos, residente em Gouvelândia/GO. Trabalho de campo, 2016).

Para 100% dos entrevistados, as olarias fazem parte da história e tradição do município. Segundo eles, tais empresas existem desde a época da Gouvelândia/GO Velha; logo, é algo importante, pois várias pessoas viveram (e vivem) dessa atividade que deveria ter se tornado uma tradição. Ela faz parte da história do município – de fato, não existe morador do local que não conheça tal ofício.

As cidades da região que mais compram tijolos das olarias de Gouvelândia/GO, segundo os entrevistados são: Rio Verde (50%), Quirinópolis (25%), Lagoa do Bauzinho (15%) e Turvelândia (10%). Convém salientar que o proprietário da olaria é responsável por levar a mercadoria ao destino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de tijolos se torna mais efetiva em Gouvelândia/GO e em toda região geográfica imediata a partir da primeira metade do século XX. Até esse período, as construções da região eram feitas de taipa na maioria dos casos. Com a vinda de trabalhadores oleiros de Minas Gerais, principalmente dos municípios do Triângulo Mineiro, a utilização do tijolo passou a ser mais intensa, pois tais sujeitos possuíam grande familiaridade com a produção desse tipo de produto.

A partir da pesquisa, é possível dizer que a quantidade de oleiros diminuiu muito em Gouvelândia nas primeiras décadas do século XXI. Muitos sujeitos deixaram a vida nas olarias e se mudaram para a cidade em busca de emprego, tendo de recomeçar em novas atividades.

Mas as olarias pesquisadas demonstram o valor do saber fazer, sendo uma arte regional que não acompanhou a evolução do agronegócio, e na qual se mantém técnicas rudimentares que lhes fornecem não só diferenciação econômica, mas, principalmente, cultural, expressa nas lides diárias com o barro. No entanto, as políticas públicas locais não valorizam o produto oleiro e seu produtor, sem promover transformações que viabilizem melhores condições de vida para as comunidades oleiras, tornando inevitáveis o fracasso e a conseqüente desagregação.

Valorizar os recursos sociais e culturais dos povos tradicionais oleiros é conservar a autenticidade de elementos e manifestações que caracterizam profundamente paisagens, lugares e territórios regionais, contribuindo para uma melhoria da qualidade de vida dessas populações. Os ofícios e as tradições dessas comunidades transmitem uma identidade local e regional, além de valores culturais com suas especificidades e que devem ser protegidos. Apenas com a preservação das raízes e o reavivar de pequenos costumes, é possível manter e valorizar uma cultura popular que não é respeitada devidamente por sujeitos sociais do interior de Goiás.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. C.; PEREIRA, J. A.; SANTOS, J. C. V. Porto Gouveinha, uma paisagem e suas travessias: um mosaico de encontros e reencontros entre as culturas mineira e goiana. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, ano 28, n. 2, p. 26-41, jul./dez. 2017.

BORDEST, S. M. L. **Patrimônio ambiental de Chapada dos Guimarães (MT): olhares e possibilidades turísticos culturais**. Cuiabá: Editora da UFMT, 2005.

BORGES, J. de O. **As ruralidades do Fundão: origens, valores socioculturais e representações comunitárias no município de Araguari/MG**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.



CÂMARA MUNICIPAL DE LOULÉ. Divisão de Turismo. **Ofícios e tradições**. Loulé: Conselho de Loulé, 2008.

CAMPOS, M. da G. de C. Causa geográfica do desenvolvimento das olarias na Baixada Guanabara. **Revista Brasileira de Geografia**, ano 17, n. 2, [n.p.], abr./jun. 1955.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

COLODA, A. A indústria do barro em decadência. **O Florense**, Flores da Cunha, ano 22, n. 11.122, p. 3, 30 jul. 2010.

CORIOLOANO, L. N. M. T. et al. **Arranjos produtivos locais do turismo comunitário: atores e cenários em mudanças**. Fortaleza: Editora da UECE, 2009.

GUERRA, A. T. **Dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

JESUS, L. L. de; NABOZNY, A. Marcas de uma regionalidade interiorana: composições de festas de padroeiros e tropeadas em comunidades rurais de Imbituva-PR. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, ano 28, n. 2, p. 6-25, jul./dez. 2017.

KOPTE, J. M. **Um estudo de olaria no contexto do folclore**. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979.

MACHADO, R. C. V. Artesanato do barro. **Pesquisa Escolar On-Line**, Recife, [n.p.], 2007. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

MENESTRINO, E.; PARENTE, T. G. O estudo das territorialidades dos povos tradicionais impactados pelos empreendimentos hidrelétricos no Tocantins. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities Research Medium**, Uberlândia, v. 2, n. 1, p. 1-19, jan./jun.2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/braziliangeojournal>>. Acesso em: 2 abr. 2018.

PEREIRA, A. V. **Bordeira: espaço simbólico, expressões festivas e processos da construção das identidades**. Faro: Tipografia União; Folha de Domingo, 2005.

PLA, J. **La cerámica popular paraguaya**. Asunción: Editora da Universidade Católica de Nuestra Señora de La Asunción, 2006.

SANTANA, E. L.; SANTOS, J. C. V. Lago de São Simão e o desenvolvimento do turismo rural: uma nova atividade econômica sustentada pelo trabalho familiar. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 9, n. 6, p. 668-683, nov. 2016/jan. 2017.

SANTOS, J. C. V. **Políticas de regionalização e criação de destinos turísticos entre o Lago de São Simão e a Lagoa Santa no Baixo Paranaíba Goiano**. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

SANTOS, J. C. V.; SANTOS, R. J. Territórios do barrocal e as territorialidades dos oleiros no Baixo Vale Paranaíba goiano. In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 13, 2011, San José. **Anais...** San José: Universidad Nacional Costa Rica, 2011.

SILVA, M. C. da; LEÃO, N. A. R.; MARQUES, L. S.; CARRIJO, S. de O.; NETO, A. R. de S. Olaria Paraíso: uma visão para além do concreto. **Revista da UFG/Jataí (GO)**, Jataí, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2009.

ZANON, M. A. **Oleiros de Umbará**: história e tecnologia. Curitiba. Casa Editorial Tetravento, 2004.

Recebido em 11 de abril de 2018
Aprovado em 02 de dezembro de 2018

